



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

SER PAI: INVESTIMENTO E ENVOLVIMENTO

Raquel Sofia Vieira Jerónimo

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA VERÍSSIMO

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA MANUELA VERÍSSIMO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof

Doutora Manuela Veríssimo, apresentada no ISPA

– Instituto Universitário para obtenção de grau de

Mestre na especialidade de Psicologia
Clínica.

AGRADECIMENTOS

Não podia deixar de começar por agradecer à Orientadora da Dissertação de Mestrado, a Prof. Doutora Manuela Veríssimo, pois se foi possível a realização e conclusão deste estudo, a ela o devo. Por ter sido uma professora sempre disponível, atenta, preocupada e acima de tudo, com uma palavra de incentivo e motivação para dar em cada dificuldade ou obstáculo, permitiu que essas mesmas dificuldades fossem ultrapassadas e resolvidas e conseqüentemente que a tão temida dissertação de mestrado tenha sido concluída.

Também agradeço às colegas do seminário de estágio, que estiveram presentes todas as quintas-feiras, que acompanharam o desenvolvimento da minha dissertação, que opinaram, que tiraram dúvidas e que me incentivaram em cada momento de desmotivação.

Um especial obrigado à Ana Soares, por além de colega de seminário de dissertação, ter sido colega de estágio e, por isso, ter sido a que mais me apoiou e ajudou sempre que precisei.

Obrigada também à Vera e à Daniela, duas das melhores amigas que levo deste percurso académico, que sempre apoiaram e estiveram presentes.

Quero agradecer também aos Jardins-de-Infância, nos quais recolhi a minha amostra, bem como às educadoras das salas que colaboraram e incentivaram os pais e, ainda, a esses mesmos pais que responderam ao solicitado. A todos eles, um enorme obrigado, pois sem a sua colaboração, a presente investigação também não conseguiria ser concluída.

Agradeço, de forma muito especial, aos meus pais, irmã e namorado que estiveram sempre presentes em todo o meu percurso académico e, como não podia deixar de ser, também nesta fase final e crucial. Obrigada pelo apoio, carinho, motivação e orgulho demonstrado, que, acreditem, foram um dos maiores incentivos que me conseguiram trazer até aqui. Também á restante família que sempre se preocupou, apoiou e esteve presente, um enorme obrigado. E ainda à família que me acolheu durante a semana, madrinha, “madrinho” e Filipa.

Agradeço, por fim, a todos os amigos que me foram divertido e descontraído ao longo da realização do trabalho, pois sem eles também não conseguiria ultrapassar os momentos complicados e seguir em frente.

RESUMO

A presente investigação centra-se no estudo da relação entre o envolvimento e o investimento dos pais na relação com os filhos. Isto porque os adultos desempenham, na vida, vários papéis, sendo a paternidade, talvez, o papel mais desafiante e gratificante. Por outro lado, sabe-se que a forma como o pai compreende e organiza os seus papéis afeta a natureza das suas interações, pois, segundo a literatura posteriormente explicitada, as perceções mais positivas associam-se a maiores níveis de envolvimento parental. Como tal, o objetivo do presente estudo é perceber se os pais que mais investem na relação com os seus filhos e menos no seu papel profissional, têm um maior/melhor envolvimento com as suas crianças. Para este estudo, serão acedidas não só as perceções dos próprios pais, mas também as perceções das suas companheiras e mães dos seus filhos para que, desta forma, se possa também comparar o grau de concordância entre mãe e pai, quanto à ideia que têm do seu envolvimento e investimento na relação parental.

Palavras-chave: envolvimento parental; investimento paterno; relação parental; papéis de adulto;

ABSTRACT

The present research focuses on the study of the relationship between the involvement and investment of parents in relation to their children. This is because the adults play, in life, multiple roles, and the fatherhood, perhaps, is the most challenging and rewarding. On the other hand, it is known that the way to the father understands and organizes their roles affect the nature of their interactions, because, according to the literature later explained, the perceptions more positive are associated with higher levels of parental involvement. As such, the objective of this study is to understand whether the parents that invest the most in the relationship with their children and less in their professional role, has a higher/better involvement with their children. For this study, will be accessed not only the perceptions of the parents themselves, but also the perceptions of their partners and mothers of their children so that, in this way, we can also compare the degree of concordance between mother and father, and to the idea we have of their involvement and investment in parental relationship.

Key-words: parental involvement; paternal investment; parental relation; adult roles

ÍNDICE

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	1
1. Envolvimento Parental.....	1
Literatura anterior e literatura recente: diferenças e novas concepções.....	1
Características e tipos de envolvimento parental.....	4
Envolvimento materno vs. Envolvimento paterno.....	7
Resultados do envolvimento parental no desenvolvimento das crianças.....	8
2. Investimento Parental.....	13
Características e tipos de investimento parental.....	13
Investimento materno vs. Investimento paterno.....	14
Diversidade de papéis de adulto.....	15
Papel de pai VS. Papel profissional.....	16
3. Objetivo do Estudo.....	18
II. METODOLOGIA.....	19
1. Participantes.....	19
2. Instrumentos.....	19
3. Procedimento.....	21
III. RESULTADOS.....	23
IV. DISCUSSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

ÍNDICE DE TABELAS

TABELA 1: Média, desvios-padrão e Alpha de Cronbach das respostas do pai e da mãe quanto ao envolvimento parental

TABELA 2: Correlação entre as dimensões do envolvimento parental com a idade e as habilitações literárias dos pais.

TABELA 3: Percentagens das respostas do pai e da mãe quanto ao investimento paterno

TABELA 4: Frequências das respostas do pai e da mãe quanto ao investimento paterno

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Comparação entre as médias da Escala de Envolvimento e de Investimento, na perspetiva do pai

Gráfico 2. Comparação entre as médias da Escala de Envolvimento e de Investimento, na perspetiva da mãe

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Envolvimento Parental

Literatura anterior e literatura recente: diferenças e novas concepções

Para estudar as características e consequências/resultados das relações que se estabelecem entre os pais e os seus filhos, é fundamental começar por conhecer algumas das ideias mais importantes sobre o funcionamento e envolvimento parental que eram discutidas há alguns anos atrás, pois foram estes autores e estudiosos que iniciaram, investiram e contribuíram para o avanço e conhecimentos hoje alcançados nesta vasta temática.

Começando por referir alguns dos aspetos mais importantes levantados por Belsky, em 1984, a parentalidade era tida em estreita relação com a personalidade, pois era referida como diretamente influenciada quer por características pessoais e individuais de cada um dos pais, quer por características individuais da própria criança e ainda pelo contexto social onde se desenvolve a relação entre os pais e o filho (por exemplo, a relação conjugal, a rede de apoio, a ocupação dos pais, etc.). Como tal, defendia-se que o funcionamento parental era determinado por múltiplos factores, especialmente a personalidade.

No que diz respeito às influências por parte dos pais, defendia-se, nesta altura, que o desenvolvimento das competências cognitiva, motivacional e sócio-emocional das crianças eram promovidas por cuidados prestados pelos pais como atenção, estimulação, carinho e compreensão, uma vez que, o trabalho de Baumrind (1967, 1971 citado por Belsky, 1984) demonstrou que durante os anos pré-escolares, elevados níveis de envolvimento e controlo melhoravam a capacidade de estabelecer relações amigáveis e de cooperação e de se ser competente e esforçado. Também o uso consistente de disciplina no envolvimento parental relacionava-se positivamente com a auto-estima, com o controlo interno, com as competências sociais e com a competência cognitiva durante os anos pré-escolares. Importa referir, ainda, que era sabido que, durante a infância, os pais que prestavam atenção às capacidades e ao desenvolvimento das suas crianças, promoviam resultados mais positivos no seu desenvolvimento, tais como segurança emocional, competência social, capacidades cognitivas e independência/autonomia comportamental.

De mencionar, também, o estudo de Mondell & Tyler (1981, citado por Belsky, 1984) que corrobora firmemente a ligação entre a personalidade e a parentalidade, pois demonstrou que

níveis elevados de controlo interno, confiança interpessoal e um estilo ativo de resolução de problemas por parte dos pais, estava relacionado com elevados níveis de carinho e aceitação demonstrados aos filhos e com reduzidos níveis de desaprovação no seio da relação e envolvimento entre os pais-filhos.

Conclusivamente, estes estudos demonstraram que se verificava, de facto, uma relação entre o bem-estar psicológico dos adultos e o seu desempenho como pais e que esta relação também era, em parte, influenciada pelas próprias experiências que os pais vivenciaram enquanto cresciam.

No que diz respeito às características das crianças, a que era considerada a mais influente e que definia a relação com os pais como sendo fácil ou difícil era o temperamento da criança, particularmente os seus estilos de comportamento. Neste sentido, alguns trabalhos, demonstraram, por exemplo, que as mães que caracterizavam os seus filhos como tendo um temperamento difícil, interagiam menos e eram menos cuidadosas com eles, comparando com outras mães que não caracterizavam os filhos como difíceis.

Mais tarde, em 1994, Bailey, um outro autor importante sobre o estudo do envolvimento parental, concluiu que o envolvimento dos homens com os seus filhos podia ser explicado pela disponibilidade de tempo que tinham para eles, uma vez que, o nível de envolvimento com os filhos era caracterizado em função do tempo que os seus pais disponibilizavam para estar em família (Blood & Wolfe, 1960 citado por Bailey, 1994).

Assim, nesta altura, o desempenho dos pais na prestação de cuidados à criança dependia, não só da sua disponibilidade de tempo em relação às mães, mas também do facto de a mãe ser ou não empregada, uma vez que, nesta altura, as mães começaram a entrar numerosamente para o mercado de trabalho e os pais viram-se obrigados a participar e a envolver-se mais com os seus filhos, principalmente no que dizia respeito à prestação de cuidados. Isto é, em famílias em que tanto a mãe como o pai trabalhavam, os níveis de envolvimento paterno, quando comparados com os da mãe eram mais elevados, do que em famílias em que a mãe estava em casa. De salientar ainda, que Bailey também demonstrou que não existia, até à data do seu estudo, relação entre o envolvimento dos pais e o género dos filhos, nem com o número de filhos na família.

Ao contrário desta ideia, Arendell (1996) defendeu que o envolvimento paterno tinha, afinal, uma correlação com o género da criança, sendo que, os pais se mostravam mais envolvidos com os rapazes do que com as raparigas, independentemente da idade. No entanto, num outro aspeto, Arendell concordou com a ideia de Bailey de que o envolvimento do pai com o seu filho,

era influenciado pelas características psicológicas deste, pois os homens com elevados níveis de auto-estima e de empatia, eram mais presentes e envolvidos com a criança (Cowan & Cowan, 1985, 1987, citado por, Arendell, 1996).

Citando ainda este autor, também ele influente no estudo do envolvimento parental, Arendell (1996) salientou o conceito de co-parentalidade que definia como sendo a parentalidade partilhada pela mãe e pelo pai com a ressalva de que também podia apenas referir-se à presença do pai na vida da criança, independentemente do seu desempenho como pai.

Uma outra ideia importante de Arendell (1996) dizia respeito aos fatores que este apontava como condicionantes do envolvimento parental, que eram as atitudes da mãe face ao envolvimento do pai, a qualidade da relação conjugal, as características psicológicas do pai (exemplo: motivação ou atitudes face aos papéis de géneros), as características da própria criança (exemplo: temperamento), o estatuto socioeconómico, as exigências e recompensas do trabalho e o emprego da mãe.

Por fim, Arendell (1996) esclareceu, ainda, que uma importante fonte de influência do envolvimento parental era a relação de proximidade dos pais com os seus próprios pais, uma vez que, quando a criança vivenciava uma paternidade positiva, adquiria uma imagem do papel de pai que iria servir de modelo quando ela própria se tornasse pai, e que a vivência de uma paternidade negativa, contribuiria para uma imagem do papel de pai negativa que, apesar de poder condicionar o seu papel de futuro pai, poderia, por outro lado, ser reformulada, retrabalhada e invertida, até se tornar num modelo positivo (Snarey, 1993, cit. por, Arendell, 1996).

Importa referir, ainda, as contribuições de um outro autor muito importante quando se aborda este tema. Michael Lamb já referia em 1987 e 1992, a necessidade de dar importância ao papel do “novo pai”, pois nesta altura “os psicólogos começaram a descobrir que os pais poderiam ter um papel importante a desempenhar na educação da criança, apesar do seu envolvimento (relativamente ao da mãe) ser fortemente limitado” (Lamb, 1992; Lamb 1987). Lamb acreditava, na altura, que os pais estavam envolvidos mais ativamente do que, no passado, nos cuidados prestados à criança, o que demonstra a evolução no conceito de paternidade e nas funções de pai.

Conclui-se, assim, que a investigação e os conhecimentos sobre a parentalidade, que têm sido estudados desde há vários anos, devem acompanhar a evolução da sociedade e dos seres humanos, sendo importante adaptar o enfoque e os procedimentos do estudo desta temática aos

costumes e conhecimentos atuais.

Assim, a mudança mais importante que se verifica nas últimas décadas, refere-se à imagem da mulher que, atualmente já assume mais responsabilidades na esfera profissional e não só na esfera familiar. Desta forma, a imagem do homem também tem vindo a alterar-se, passando este a ser visto como um pai mais afetuoso e mais ativamente envolvido no quotidiano dos filhos, do que antigamente. Surge, assim, um novo ideal de co-parentalidade, segundo o qual os pais partilham equivalentemente responsabilidades e tarefas em todos os domínios da vida familiar: nível financeiro, nível doméstico e nos cuidados das crianças (Cabrera *et al.*, 1999 citado por Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Segundo esta visão moderna de paternidade, o pai começa a ser caracterizado como mais presente e afetuoso, não deixando de possuir as suas características tipicamente masculinas, como a disciplina e a autoridade, mas possuindo também características usualmente atribuídas ao género feminino, tais como a demonstração de afetos ou a prestação de cuidados (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999, citado por Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Deutsch, 2001), o que tem vindo a alterar também o funcionamento e envolvimento parental e os consequentes resultados no desenvolvimento das crianças.

Características e tipos de envolvimento parental

Explorando, agora, as características mais conhecidas e documentadas sobre o envolvimento parental, segundo Lamb e os seus colegas, os pais afetam as crianças e as famílias por meio de três grandes vias: relação direta entre pais-filho; exposição das crianças à discórdia conjugal; e o funcionamento psicológico dos pais. Todas estas vias são possíveis de afetar o ajuste das crianças através de efeitos nos seus processos e mecanismos de desenvolvimento (Lamb, 2010).

Ainda segundo Lamb, o envolvimento parental pode ser afetado por vários fatores que interagem a diferentes níveis ao longo da vida, incluindo fatores psicológicos (por exemplo, a motivação, as habilidades, a autoconfiança...), as características individuais das crianças (por

exemplo, temperamento, sexo...), o apoio social (por exemplo, relações com parceiros e membros da família...), comunidade e influências culturais (por exemplo, oportunidades socioeconômicas, ideologias culturais...) e as práticas institucionais e políticas públicas (por exemplo, assistência social...). Neste sentido, a motivação por si só não pode garantir um maior envolvimento, pois as habilidades e a autoconfiança também são necessárias. Tanto a sensibilidade como a autoconfiança são, provavelmente, muito mais importantes do que as habilidades específicas onde o comportamento parental e a sua influência nas crianças estão em causa. A proximidade do relacionamento entre pai e filho - ela própria uma consequência de interações suficientemente extensas e sensíveis - é um determinante crucial do impacto dos pais no desenvolvimento da criança (Lamb, 2010).

Por outro lado, segundo Pleck (2010), o envolvimento parental foi inicialmente descrito como tendo três componentes que refletem formas de operacionalizar: (a) acessibilidade – disponibilidade para a criança e resposta adequada às suas necessidades; (b) entrega/compromisso – participação e interação direta com a criança, quer em contexto de prestação de cuidados, quer em contexto de atividades lúdicas. O carinho e capacidade de resposta também devem ser uma característica do pai que se compromete com o filho; (c) responsabilidade e controlo, definida como a certeza de que a criança é bem cuidada e como a organização de recursos para a criança, por exemplo o planeamento e marcação de uma consulta médica.

Esta forma de operacionalizar o envolvimento possibilitou a descoberta de que a acessibilidade, isto é, a coabitação com a criança e com a mãe, está associada a menos problemas de comportamento; e que a entrega/compromisso está associada a uma redução da frequência de problemas de comportamento nos rapazes e de problemas psicológicos nas raparigas, ou seja, menos delinquência (Sarkadi, 2008). Brown, Neff, e Mangelsdorf (2012) também estudaram um diversificado leque de comportamentos parentais, centrando-se também na sensibilidade como o principal determinante para uma vinculação segura.

Por outro lado, a Teoria do Comportamento Planeado (TPB – theory of planned behavior) também é uma explicação teórica que permite examinar o envolvimento parental. Foi inicialmente proposta por Ajzen (1986, citado por Perry & Langley, 2013) e centra-se, atualmente, nas motivações individuais para a implementação de um comportamento específico (Montano & Kasprzyk, 2008 citado por Perry & Langley, 2013). Tal como outras teorias, que tentam prever e explicar o envolvimento parental, também existe a TRA (theory of reasoned action) que assume que um comportamento só é executado perante o controlo do indivíduo, não sendo simplesmente necessária a intenção de o realizar. A teoria propõe também que o comportamento

humano é largamente determinado pela intenção e que há três determinantes da intenção: atitudes, normas subjetivas e percepção de controlo comportamental. As pessoas que acreditam que não têm nem os recursos nem as oportunidades para realizar um determinado comportamento não são suscetíveis de ter fortes intenções comportamentais para praticá-lo, mesmo tendo atitudes favoráveis em relação ao comportamento e acreditando que outros importantes aprovariam a sua realização do comportamento. Assim, a TPB é uma lente teórica adequada para analisar o envolvimento paterno, pois representa a sua natureza dinâmica, abordando a parte intrapessoal (por exemplo, atitudes e crenças), a interpessoal (por exemplo, normas subjetivas ou a opinião de outras pessoas importantes), e o ambiente (por exemplo, recursos externos ou constrangimentos que influenciam as percepções sobre o controle do comportamento). Estes fatores influenciam quer as intenções dos homens, neste caso, em participar na vida dos seus filhos, quer a sua capacidade de agir sobre essas intenções.

Concluindo, é lógico que, para explicar e prever o envolvimento do pai com precisão, é preciso levar em conta a atitude do pai para estar envolvido na vida dos seus filhos, a medida em que outros significativos apoiam a sua participação e a sua capacidade de controlar as circunstâncias de vida, afetando o seu envolvimento pretendido (Perry & Langley, 2013).

Quando se consideram os fatores que podem determinar o envolvimento Levy-Shiff & Israelashvili (1988, citado por Pessoa e Costa, Borges, Monteiro, Torres, & Veríssimo, s.d) também defendem que este pode depender das características individuais do pai, as características individuais da criança e o contexto social no qual a interação pai-criança ocorre. Quanto às primeiras, diferentes estudos verificaram que o envolvimento parental pode ser influenciado por variáveis como a idade, classe socioeconómica, o rendimento ou as habilitações literárias dos pais. No que concerne às características das crianças, alguns autores apontam a idade, o género e a posição na fratria como variáveis importantes no envolvimento paterno. Por fim, quanto às características do contexto social podem-se destacar alguns fatores, concretamente a situação profissional dos dois pais, o número de horas que passam no emprego e as expectativas dos mesmos quanto aos seus papéis parentais (Pessoa e Costa, Borges, Monteiro, Torres, & Veríssimo, s.d).

Envolvimento materno vs. Envolvimento paterno

Se é importante conhecer as características e tipos de envolvimento parental, é igualmente importante explorar as diferenças que existem entre a mãe e o pai, neste domínio.

Como tal, estudos comparativos entre mães e pais concordam no que diz respeito às diferenças nos estilos parentais, principalmente, no facto da componente mais saliente nas interações mãe/criança ser a dos cuidados, enquanto que, nas interações com os pais a componente que mais se destaca é a da brincadeira. Como tal, quando os pais participam em atividades com as suas crianças, fazem-no, com maior probabilidade, nas de brincadeira e lazer (e.g., Lamb, 1987). Estas são mais flexíveis em termos de rotinas e horários e são, provavelmente, “onde os pais se sentem mais à vontade, dado que, a componente dos cuidados parece ser, culturalmente, menos bem definida para os pais” (Peitz, Fthenakis, & Kalicki, 2001 citado por Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008). Logo, é quase sempre a mãe que realiza as tarefas de organização/cuidados (Práticas), enquanto que, nas atividades de brincadeira/lazer (Lúdicas), existe uma participação igualitária de ambos os pais.

Embora o pai possa ter capacidade para ser sensível aos sinais comunicativos do filho(a), se a criança e o pai têm pouca experiência de interação, esta capacidade poderá fazer pouca diferença (Cox *et al.*, 1992 citado por Lewis, & Lamb, 2003). No entanto, quando a mãe assume o principal papel nos cuidados à criança é, com maior probabilidade, preferida como figura de vinculação, independentemente de as crianças estarem vinculadas a ambos os pais (Lewis & Lamb, 2003). Estes autores sugerem, ainda, que a qualidade da relação criança/pai poderá não estar associada com a quantidade global do envolvimento, mas com um tipo particular de envolvimento, nomeadamente, a brincadeira. Sugerem, também, que estas interações poderão tornar os pais mais salientes, do ponto de vista afetivo e, assim, facilitar o desenvolvimento destas relações diádicas, mesmo quando os pais não passam muito tempo com os filhos ou participam pouco nas tarefas de cuidados.

Importa referir, ainda, que apesar de, um elevado número de trabalhos utilizar a mãe como fonte de informação acerca do pai, a visão que este tem da sua própria responsabilidade e participação é tão importante como a da figura materna (Beitel & Parke, 1998 citado por Lewis & Lamb, 2003). Por este motivo, é importante estudar e comparar as perceções de ambos os pais sobre o seu envolvimento e investimento com os seus filhos.

Outros estudos indicam, também, que o aumento do número de horas que a mãe passa no trabalho parece promover a participação paterna, embora esta também seja condicionada pelo

número de horas de trabalho do pai. Para McBride e colaboradores (2005), os pais com mais idade tendem a envolver-se menos nos cuidados prestados à criança, o que talvez se deva a uma perspectiva mais tradicional do seu papel, no qual é a mulher que tem a responsabilidade da gestão da vida familiar (Balancho, 2004). Pelo contrário, Lima (2005 citado por Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010) verificou que eram os pais mais velhos os que assumiam maiores responsabilidades.

Segundo Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa (2010) das cinco dimensões consideradas, e de acordo com a opinião geral dos casais estudados, as mães assumem mais frequentemente responsabilidades nas áreas dos Cuidados Diretos e Indiretos. Algo que não se verifica nos restantes três domínios, designadamente na Disciplina, na Brincadeira e no Lazer no Exterior, onde os pais assumem um envolvimento mais ativo, partilhando com a mãe as respetivas responsabilidades. Estes resultados corroboram as conclusões de Monteiro et al. (2006 citado por Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010), que identifica a existência de diferentes padrões de participação paterna em função do tipo de atividade, pois, como referido anteriormente, as tarefas de organização/cuidados (Práticas) eram normalmente desempenhadas pelas mães, enquanto as atividades de brincadeira/lazer (Lúdicas) eram partilhadas de modo igualitário por ambos os pais (Bailey, 1994 citado por Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010; Peitz et al., 2001 citado por Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010).

É também importante estudar o grau de concordância entre opiniões quanto à partilha dos cuidados, pois a discordância e a distância entre os pais pode dificultar a relação que estes estabelecem com os filhos. Pode-se, assim, pressupor que os casais que estão em maior desacordo quanto à perceção que têm da forma como decorre o dia-a-dia, nomeadamente, em relação à prestação de cuidados às crianças, são casais que geram mais tensões e conflitos, o que poderá resultar em consequências no funcionamento do sistema familiar, assim como no desenvolvimento sócio-emocional da criança (Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010).

Resultados do envolvimento parental no desenvolvimento das crianças

É importante referir, por outro lado, de que forma a participação parental pode afetar o desenvolvimento das crianças e quais os efeitos benéficos que acarreta. Em primeiro lugar, os

pais e filhos podem influenciar-se reciprocamente, uma vez que, o envolvimento parental não é um comportamento exógeno, mas um processo relacional entre pais e filhos que está incorporado em outras relações de família (Pleck & Masciadrelli, 2010). Os pais influenciam as crianças diretamente através dos seus comportamentos, atitudes e mensagens que transmitem e indiretamente, através dos seus efeitos sobre outras pessoas e circunstâncias sociais que incidem sobre o desenvolvimento das crianças. Por exemplo, o apoio económico da família constitui uma forma indireta, mas importante, em que os pais contribuem para a criação e saúde emocional de seus filhos (Pleck & Masciadrelli, 2010).

Resumindo as formas de influência que os pais podem exercer nos filhos, na visão de Lamb (2010), em primeiro lugar, os pais e mães parecem influenciar os seus filhos de forma semelhante, pois, as diferenças entre as mães e os pais são muito menos importantes do que as semelhanças, sendo as dimensões importantes da influência dos pais, as que têm a ver com características dos pais, e não com características relacionadas com o género. Em segundo lugar, as crianças que têm relações seguras, de apoio, de reciprocidade e sensíveis com os seus pais têm muito mais probabilidade de ser bem ajustadas psicologicamente do que os indivíduos cujas relações com os pais são menos satisfatórias. Terceiro, os pais devem, portanto, ser vistos no contexto familiar mais amplo, pois as influências parentais positivas são mais prováveis de ocorrer, não apenas quando há relação de apoio entre pai e filho, mas quando as relações dos pais com os seus parceiros, ex-parceiros e outras crianças permitem um contexto familiar positivo.

Em quarto lugar, os pais desempenham múltiplos papéis na família e o seu sucesso nestes diversos papéis influencia as formas como eles afetam o desenvolvimento e adaptação dos filhos. Os pais produzem efeitos benéficos sobre os seus filhos quando têm relações de apoio e carinho com eles, bem como com os seus irmãos e quando são competentes e se sentem realizados como “chefes” de família. Em quinto lugar, a natureza das influências parentais pode variar substancialmente, dependendo dos valores individuais e culturais (Lamb, 2010).

Lamb salienta, também, que crianças com pais altamente envolvidos foram caracterizados pelo aumento da competência cognitiva, aumento da empatia, menos crenças estereotipadas em função do sexo e um maior locus de controlo interno. (Lamb 2010). Por outro lado, se os pais forem sensíveis, respondendo, falando, apoiando, ensinando e incentivando os seus filhos a aprender, irão permitir conquistas cognitivas e linguísticas. Estas conclusões sugerem que os pais podem envolver-se com seus filhos de muitas maneiras diferentes, não apenas como companheiros mas também como modelos (Lamb, 2010).

Outros estudos demonstram que a segurança de vinculação entre pai e filho originam numerosos resultados positivos no desenvolvimento da criança, pois as que se sentem seguras apresentam menos problemas de comportamento (Verschueren & Marcoen, 1999), maior

sociabilidade (Sagi, Lamb, & Gardner, 1986 citado por Brown, Neff, & Mangelsdorf, 2012), e amizades mais recíprocas (Veríssimo et al., 2011) do que aquelas em relacionamentos inseguros com os pais. Na verdade, a relação de vinculação segura entre o pai e o filho parece ser importante para os resultados não clínicos das crianças, e pode muito bem reduzir o seu risco de internalização e externalização de formas de psicopatologia (Lamb, 2010).

A ideia de que a relação de vinculação e o envolvimento é dual sugere que a qualidade do presente relacionamento entre o pai e o filho também podem causar impacto na futura paternidade. Isto é, ter um filho que tem um elevado nível de envolvimento com o pai e consequentemente uma imagem positiva dessa relação, pode aumentar a sua motivação e auto-confiança, no seu próprio papel de pai, o que também beneficia a relação pai-filho, pois estes dois fatores – motivação e auto-confiança - são os principais determinantes da sensibilidade e compromisso paternal (Lamb et al., 1985 citado por Brown, Neff, & Mangelsdorf, 2012).

Um outro estudo importante sobre os resultados da interação da criança com o pai conclui que as crianças com níveis altos de envolvimento paterno (que praticam muitos jogos em conjunto, que estão envolvidas em atividades de prestação de cuidados, entre outros) são mais competentes cognitivamente aos 6 meses de idade. A partir do primeiro ano, eles continuam a desenvolver as suas funções cognitivas, sendo melhores a resolver problemas e atingindo, até, maiores níveis de QI, aos 3 anos. Por outro lado, quando comparados com as mães, os pais falam com as crianças, usando mais as perguntas (e.g.: O quê? Onde? etc.), o que requer dos filhos uma comunicação mais responsável e desenvolvida. Este incentivo a conversar, leva-os a usar vocabulário mais diverso e a produzir frases mais longas, quando interagem com os seus pais (Pedersen, Rubinstein, & Yarrow, 1979 citado por Allen, & Daly, 2007; Pedersen, Anderson, & Kain, 1980 citado por Allen, & Daly, 2007; Nugent, 1991 citado por Allen, & Daly, 2007; Easterbrooks & Goldberg, 1984 citado por Allen, & Daly, 2007; Yogman, Kindlan, & Earls, 1995 citado por Allen, & Daly, 2007; Rowe, Cocker, & Pan, 2004 citado por Allen, & Daly, 2007).

Não são só benefícios a nível cognitivo que são verificados, mas também questões relacionadas com o desenvolvimento emocional e bem-estar estão evidenciadas na literatura. Estas crianças, ao sentirem-se mais seguras, são mais capazes de resolver situações estranhas para elas, são mais resilientes em situações de *stress*, são mais curiosas e mais exploradoras do ambiente, reagem melhor a novos estímulos, reagem melhor a estranhos e são mais confiantes nas suas explorações (Cox, Owen, Henderson, & Margand, 1992 citado por Allen, & Daly, 2007; Kotelchuck, 1976; Parke & Swain, 1975 citado por Allen, & Daly, 2007; Biller, 1993 citado por

Allen, & Daly, 2007; Parke & Swain, 1975 citado por Allen, & Daly, 2007; Pruett, 1997 citado por Allen, & Daly, 2007).

Também ao nível social se evidenciam ganhos, uma vez que, o envolvimento paterno está positivamente relacionado com crianças mais competentes a nível social, com iniciativa de estabelecer relações, com capacidade de relacionamento com os outros e com maturidade social mais elevadas (Amato, 1987 citado por Allen, & Daly, 2007; Forehand & Nousiainen, 1993 citado por Allen, & Daly, 2007; Gottfried et al., 1988 citado por Allen, & Daly, 2007; Krampe & Fairweather, 1993 citado por Allen, & Daly, 2007; Mischel et al., 1988 citado por Allen, & Daly, 2007; Snarey, 1993 citado por Allen, & Daly, 2007; Stolz, Barber, & Olsen, 2005 citado por Allen, & Daly, 2007). Por outro lado, Kato, Ishii-Kuntz, Makino, and Tsuchiya (2002 citado por Allen, & Daly, 2007), descobriram que a participação dos pais na prestação de cuidados aos filhos influencia o seu desenvolvimento social com adequadas capacidades sociais em crianças com 3 anos de idade.

Não são só as crianças que retiram benefícios da relação com os seus pais, mas também estes melhoram as suas competências no papel de pais, pois tornam-se mais atentos e preocupados com o desenvolvimento das crianças, são mais compreensivos e tolerantes. Por outro lado, também demonstram maior maturidade psicossocial, demonstram-se mais satisfeitos com as suas vidas, sofrem de menos *stress* psicológico e são mais capazes de compreender-se a si próprios e de compreender e gerir os seus sentimentos (Almeida & Galambos, 1991 citado por Allen, & Daly, 2007; Coltrane, 1996 citado por Allen, & Daly, 2007; Lamb, 1997 citado por Allen, & Daly, 2007; DeLuccie, 1996; Lamb, 1987 citado por Allen, & Daly, 2007; Almeida & Galambos, 1991 citado por Allen, & Daly, 2007; Russell, 1982 citado por Allen, & Daly, 2007; Pleck, 1997 citado por Allen, & Daly, 2007; Snarey, 1993 citado por Allen, & Daly, 2007; Eggebean & Knoester, 2001 citado por Allen, & Daly, 2007; Barnett, Marshall, & Pleck, 1992b citado por Allen, & Daly, 2007; Gove & Mongione, 1983 citado por Allen, & Daly, 2007; Ozer, Barnett, Brennan, & Sperling, 1998 citado por Allen, & Daly, 2007; Heath, 1994 citado por Allen, & Daly, 2007).

Ainda no âmbito dos resultados que o envolvimento parental origina no desenvolvimento das crianças, uma outra área importante a abordar é a sua influência na construção de estereótipos e conhecimento de papéis de género nas crianças. Desde cedo, diversos autores como Freud (1933 citado por Sternglanz, & Serbin, 1974), Mischel (1966 citado por Sternglanz, & Serbin, 1974) e Kohlberg (1966 citado por Sternglanz, & Serbin, 1974), acreditavam que as crianças aprendem os papéis de género e adequam os seus comportamentos sobre esses papéis,

através da observação de modelos masculinos e femininos. A preferência precoce por brinquedos estereotipados pode estar associado a efeitos no desenvolvimento social e cognitivo dos rapazes e das raparigas, uma vez que, leva à prática de diferentes capacidades conforme os diferentes tipos de materiais e atividades (Liss, 1983, citado por Connor & Serbin, 1977). A preferência das crianças pode ainda ter impacto no seu mundo social pelo principal tema com que elas brincam com as outras crianças e com quem partilham interesses e modos de brincar semelhantes.

Existem, assim, inúmeras tentativas de explicar o aparecimento de preferências por brinquedos e atividades estereotipadas conforme os géneros: alguns autores sugerem uma ligação casual entre o desenvolvimento do conhecimento sobre estereótipos de género e o aparecimento de preferências estereotipais específicas por tipos de brincadeira, de atividades ou de materiais. Isto porque, a preferência das crianças por brinquedos estereotipados pode dever-se ao seu conhecimento desses estereótipos (Martin & Halverson, 1981, citado Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, Sen, & Eichstedt, 2001). Outros estudos sugerem que a preferência por brinquedos estereotipados pode advir do conhecimento de estereótipos de género como resultado de aprendizagem social ou fatores biológicos.

Estudos do âmbito cognitivo sugerem que as crianças começam a formar uma rede associativa – esquema – sobre as dicotómicas categorias de género durante o primeiro ano de vida. As categorias de “*macho*” ou “*fêmea*” são inicialmente baseadas nas características percetivas óbvias (voz, cabelo, etc) (Miller, 1983, citado por Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, Sem, & Eichstedt, 2001).

A maioria dos cognitivistas do papel de género têm-se centrado sobre a resposta das crianças ao rótulo de género (homem / mulher; menino / menina) e à rotulagem exata do self (identidade sexual) como um sinal de que as categorias de género tenham sido adquiridos (Etaugh, Grinnel & Etaugh, 1989 citado por Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, Sem, & Eichstedt, 2001; Leinbach & Fagot, 1986 citado por Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, Sem, & Eichstedt, 2001; Weinraub, et al., 1984, citado por Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, Sen, & Eichstedt, 2001).

No início do processo, é possível que essas preferências e estereótipos cognitivos se desenvolvam de forma independente ou em sequência paralela, tornando-se gradualmente ligados para formar um esquema abrangente cognitivo / afetivo / comportamental ao longo dos primeiros anos da infância. Também é possível que a sequência ou calendário das primeiras manifestações seja diferente para meninas e meninos, devido ao diferencial de socialização ou taxas de maturação. (Serbin, Poulin-Dubois, Colburne, Sen, & Eichstedt, 2001)

Concluindo, apesar de não ser contemplado neste estudo, destaca-se a importância do estudo da relação entre o envolvimento parental e a construção do conhecimento de estereótipos e papéis de gênero.

2. Investimento Parental

Características e Tipos de Investimento Parental

O interesse pelo estudo do investimento no papel de pai e da sua importância no desenvolvimento infantil é relativamente recente, sendo que até há pouco tempo o modelo predominante de pai privilegiava o papel de provedor financeiro, permanecendo distante do espaço familiar e dos cuidados dos filhos. Permanecia, no entanto, simbolicamente importante para os filhos como representante da autoridade e da lei, sendo este paradigma semelhante ao que se denotava na área do envolvimento paterno. Contudo essa caracterização do pai como essencialmente provedor do sustento econômico, desempenhando um papel reduzido ou indireto sobre a criação dos seus filhos, não corresponde já à realidade das famílias atuais (Silva, & Piccinini, 2007)

Esta controvérsia e evolução sobre a ideia de qual deve ser, afinal, o papel do pai leva a que este tenha de escolher entre vários papéis, no seio da família, e qual a melhor forma de a apoiar.

Investir e cuidar de um filho para que ele se desenvolva bem e saudável é uma tarefa realizada pela maioria das mães e pais nos mais diversos contextos, pois é uma atitude necessária para a sobrevivência dos bebés humanos, que nascem frágeis e dependentes. No entanto, esta prestação de cuidados e investimento nos filhos não é unicamente ao nível da sobrevivência, mas também ao nível da construção de laços e relações de vinculação e carinho.

Como tal, o investimento pode ser de vários tipos e com diferentes fins. O investimento direto inclui atividades como alimentar, pegar ao colo, transmitir conhecimento, manter limpo, entre outros. O indireto envolve a garantia de recursos necessários à sobrevivência, proteção da criança e apoio ao parceiro que está mais envolvido nos cuidados (Quilan, 2007, Yeung, Linker & Brooks-Gunn, 2002 citado por Bandeira, & Seidl-de-Moura, 2012).

É importante concluir, então, que o homem, assim como a mulher mas com maior nível de pressão social e cultural, tem de ponderar como e em quais dos seus papéis investir, com o objetivo de ser bem sucedido em cada um deles e não descurar de nenhum dos contextos da sua vida (o familiar, o profissional, o social...) (Bandeira, & Seidl-de-Moura, 2012).

Investimento materno VS. Investimento paterno

Seabra (2007 citado por Bandeira, & Seidl-de-Moura, 2012) estudou pais e mães de crianças de zero a cinco anos da cidade do Rio de Janeiro, investigando diversos aspectos do envolvimento e investimento parental. Os resultados indicaram que, em geral, os pais estavam satisfeitos com o seu exercício da paternidade, mas acreditavam que as mães esperavam maior compromisso e entrega por parte deles. Os dados de Seabra indicaram também que os pais estavam envolvidos em algumas tarefas diárias e de cuidados, mas a maior parte delas ainda cabia às mulheres (Seabra 2007 citado por Bandeira, & Seidl-de-Moura, 2012).

Alguns estudos têm revelado, também, que a percepção de auto-eficácia paterna possui preditores diferentes dos da materna (Sevigny & Loutzenhiser, 2009 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014), sendo mais influenciável por fatores externos, como as políticas, leis e valores de cada país (Hofferth, 2003 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014; Kiehl & White, 2003 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014), assim como pelo tamanho e funcionamento da família (Meunier & Roskam, 2009 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014; Salonen et al., 2009 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014). Os pais são, também, influenciados pelas características da criança (e.g., idade), assim como por variáveis intrínsecas a eles próprios (Sevigny & Loutzenhiser, 2009 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014). A idade dos pais, a educação e o estado matrimonial não parecem influenciar a percepção de autoeficácia parental.

As mães revelaram-se, por outro lado, mais competentes que os pais. Os pais perceberam-se como mais competentes no domínio da disciplina e as mães nos domínios de cuidados instrumentais e disponibilidade e suporte emocional e valorização (Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo, & Santos, 2014).

Sendo os cuidados à criança, a característica mais central na definição da maternidade, as atitudes e expectativas das mães parecem encontrar-se mais fortemente relacionadas com os níveis de participação do pai neste tipo de tarefas, pelo que é importante discriminar os contextos e atividades em que os pais participam e assumem responsabilidades (Beitel & Parke, 1998 citado por Lewis & Lamb; Peitz et al., 2001 citado por Lewis & Lamb, 2003).

Verificou-se, neste sentido, que as mães consideram que deve haver um investimento equivalente por parte da mãe e do pai, em atividades de Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior. Apenas na dimensão de Ensino/disciplina, consideram que a dedicação do pai é

partilhada de igual modo com mãe. Assim, nesta amostra, o pai assume mais do que apenas um papel de suporte ou de ajuda, contrariamente aos dados obtidos noutras amostras portuguesas (Monteiro et al., 2006 citado por Monteiro, Fernandes, Veríssimo, Pessoa e Costa, Torres, & Vaughn, 2010; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, et al., 2008; Torres, 2004).

É nas atividades de Ensino/Disciplina, Brincadeira e Lazer no Exterior que se verifica o mesmo nível de investimento de ambos os pais na relação com os filhos, indo estes resultados no sentido dos obtidos noutras amostras portuguesas (Lima 2005 citado por Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Costa, I. 2010). Relativamente às atividades de Brincadeira, e contrariamente às outras dimensões, as mães gostariam que os pais se dedicassem menos do que a participação percecionada pelos pais.

Diversidade de papéis de adulto

A Teoria do Papel (Christmon, 1990 citado por Perry, & Langley, 2013; Letie & McKenry, 2006, citado por Perry, & Langley, 2013) e a Teoria da Identidade (Dyer, 2005 citado por Perry, & Langley, 2013; Fox & Bruce, 2001 citado por Perry, & Langley, 2013; Kost, 2001 citado por Perry, & Langley, 2013; Roy, 2006 citado por Perry, & Langley, 2013) defendem que os pais têm múltiplos papéis e identidades e que as tarefas relacionadas com cada um dos papéis e identidades são hierarquizados com base nas suas prioridades. Assim, os pais agem ou comprometem-se com as atividades associadas com os papéis ou identidades a que eles dão prioridade. A Teoria do Intercâmbio Social (Laakso & Adams, 2006 citado por Perry, & Langley, 2013) e a Teoria do Investimento Paternal (Doherty, Kouneski, & Erickson, 1998 citado por Perry, & Langley, 2013; Fox & Bruce, 2001 citado por Perry, & Langley, 2013) concordam que os pais tomam decisões sobre o tempo, esforço e energia que estão dispostos a gastar no papel de pai com base numa análise interna de custo-benefício que pesa os custos das atividades referentes à paternidade e os potenciais benefícios ou recompensas derivadas de se comprometer nessas atividades ou, ainda, a atratividade relativa do uso dos seus esforços em outras tarefas (Perry, & Langley, 2013).

O pai perceciona-se, assim, como tendo vários papéis na família, tais como companheiro, modelo, guia moral, professor e ainda realiza atividades de prestação de cuidados, participa em brincadeiras, sobretudo no exterior, ensina e dá disciplina e proteção; e fora da família (papel profissional, social...). Como tal, o pai deve estar emocionalmente disponível tanto para os seus filhos, como para as outras tarefas que lhe são exigidas. Assim, tem-se tentado explorar até que

ponto as percepções do pai sobre a importância do seu papel estão associadas com o seu envolvimento real em cada papel. De facto, defende-se que a forma como o pai compreende e organiza os seus papéis afeta a natureza das suas interações, já que se considera que percepções mais positivas se associam a maiores níveis de envolvimento paterno (Bronte-Tinke et al., 2006).

A parentalidade representa, muito provavelmente, o papel mais satisfatório desempenhado pelo adulto, e ao mesmo tempo, o desafio mais exigente no seu ciclo de vida, dadas as exigências intelectuais, emocionais e físicas que implica, tanto para as mães, como para os pais. No entanto, cada pai pode vivenciar este papel de diversas formas, sentindo-se mais ou menos competente no desempenho do mesmo (Meunier & Roskam, 2009 citado por Ferreira, Monteiro, Fernandes, Cardoso, Veríssimo & Santos 2014).

Provavelmente, os pais que optam por desempenhar papéis desiguais acreditam que as crianças têm um laço afetivo especial com a mãe e que não podem cuidar delas do mesmo modo (Beitel & Parke 1998 citado por Lewis & Lamb, 2003; Russell, 1983 citado por Lewis & Lamb, 2003). Por outro lado, as pressões sociais vão no sentido de não se esperar que seja o homem, por exemplo, a ficar em casa quando os filhos estão doentes, dado que dele se espera um investimento total no trabalho, enquanto que, para a mulher as expectativas de desempenho são menores uma vez que, socialmente, é ela a responsável direta pela família (Torres, 2004).

Como tal, fica claro perceber que os dois papéis que, provavelmente, mais se confrontam na vida de um homem é a paternidade e o emprego/profissão.

Papel de pai VS. Papel profissional

As crianças necessitam de pais afetuosos e competentes, que consigam ao mesmo tempo satisfazer as suas necessidades e promover o seu desenvolvimento emocional, social, cognitivo e físico. Elas beneficiam, certamente, quando ambos os pais são capazes de se envolver e estão investidos nos seus cuidados e educação (Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d.).

No entanto e, apesar de todas as necessidades de um filho e dos benefícios acima descritos da relação entre pai e filho, é importante destacar que existem diversos obstáculos que dificultam a qualidade e quantidade de envolvimento e investimento dos pais com os seus filhos. O primeiro e mais importante obstáculo é o trabalho e o número elevado de horas que os pais

despendem nesta tarefa. Os pais que trabalham muitas horas demonstram maior probabilidade de ser menos tolerantes, são mais depressivos e ansiosos e têm maiores dificuldades sociais e emocionais, o que prejudica a relação com a família, nomeadamente com os filhos (Crouter, Bumpas, Head, & McHale, 2001 citado por Allen, & Daly, 2007; Strazdins, Clements, Korda, Broom, & D'Souza, 2006 citado por Allen, & Daly, 2007; Barnett & Gareis, 2006 citado por Allen, & Daly, 2007).

Segundo Theunissen et al., 2003, citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, e Martins, s.d., as respostas de ambos os pais sugerem o sentimento de que o trabalho tende a interferir mais com a família do que o inverso, o que poderá indicar que desejariam ter maior disponibilidade para a família (Theunissen et al., 2003, citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d.). No entanto, não deixam de admitir que os benefícios resultantes da relação entre estes dois domínios se sobrepõem aos seus constrangimentos. Estes resultados obtidos enquadram-se na Teoria Expansionista (Barnett & Hyde, 2001, citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d), que sustenta que os efeitos positivos advindos da multiplicidade de papéis assumidos por ambos os pais, afastando-se da ideia preconizada pela Teoria Funcionalista (Parsons & Bales, 1955 citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d) de que esta pluralidade de papéis pode trazer efeitos negativos, uma vez que nesta amostra, a relação entre os domínios família e trabalho não parece ser conflituosa.

Relativamente às experiências parentais, é a dimensão da recompensa que assume maior destaque, na opinião de ambos os pais indicando que a parentalidade está mais associada a sentimentos positivos do que à preocupação ou ao *stress*. O facto de a dimensão dos benefícios surgir associada de forma positiva à recompensa explica-se pelo facto de que uma boa relação entre trabalho e família se relaciona mais facilmente com uma experiência parental gratificante, como o que é defendido pelas Teorias Expansionistas (Barnett & Hyde, 2001, citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d).

Como curiosidade, importa referir que as profissões associadas a habilitações literárias superiores poderão usufruir de um horário laboral mais flexível, facilitando, assim, um melhor equilíbrio entre o trabalho e as atividades familiares. Adicionalmente, o facto de as mulheres com habilitações literárias superiores tenderem a investir mais nas suas carreiras profissionais poderá levá-las a facilitar e a ambicionar uma participação paterna mais ativa ao nível da organização e prestação de cuidados (Monteiro et al., 2006 citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d).

3. Objetivo do estudo

Uma vez que é necessário, como descrito anteriormente, um esforço por parte dos adultos para conciliar vários papéis que têm de desempenhar, sendo a paternidade, talvez, o papel mais desafiante e gratificante; e sabendo que a forma como os pais compreendem e organizam os seus papéis afeta a natureza das suas interações, já que se considera que perceções mais positivas se associam a maiores níveis de envolvimento parental (Bronte-Tinkey et al., 2006) é objetivo do presente estudo perceber se os pais que mais investem na relação com os seus filhos e menos no seu papel profissional, têm um maior/melhor envolvimento com as crianças.

II. METODOLOGIA

1. Participantes

Neste estudo participaram 105 casais, pais de crianças, entre os três e os cinco anos, a frequentar o jardim-de-infância. No que diz respeito às idades, as mães têm uma média de 36 anos e habilitações literárias com média de 11 anos de escolaridade. Relativamente aos pais, estes apresentam uma média de 38 anos de idade e de 10 anos de escolaridade.

Quanto à situação profissional, 83% das mães estão empregadas, sendo que 88% trabalham a tempo inteiro e 12% em regime parcial. Quanto aos pais, 94% estão empregados, dos quais 98% trabalham a tempo inteiro e 2% em regime parcial.

De referir, por fim, que as crianças sobre as quais o inquérito se baseia, passam uma média de 7 horas no jardim-de-infância.

2. Instrumentos

Para a realização do presente estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos:

2.1 *Ficha de Identificação e Caracterização Sociodemográfica*

Esta Ficha de Identificação (Veríssimo, s.d) permite recolher dados que nos dão informação referentes à idade dos pais, estado civil, habilitações literárias, profissão e se os pais estão empregados e em que regime laboral. Permite aceder, ainda, a informações sobre se esta criança a que se referem é o primeiro filho do casal ou não, o número de irmãos da criança e respetivas idades e sexo, tipo de escola da criança, horas diárias passadas na creche e idade de entrada no infantário.

2.2 *Escala de Envolvimento Parental*

A Escala de Envolvimento Parental (Monteiro, Veríssimo & Pessoa e Costa, 2008) é uma reformulação feita a partir do questionário de Monteiro, Veríssimo, Santos e Vaughn (2008), Crouter, Perry-Jenkins, Huston e McHale (1987), Hawng e Lamb (1997). Consiste em avaliar a participação dos pais e das mães em diferentes tarefas relacionadas com a criança, tanto no domínio dos cuidados, como no domínio da socialização.

Esta é uma escala constituída por 26 itens organizados segundo cinco dimensões: 1- Cuidados Diretos (5 itens) – que se relaciona com tarefas de cuidados à criança e que implicam

interação direta com a mesma (ex: “Quem dá as refeições à criança?”); 2- Cuidados Indiretos (7 itens) – Tarefas de organização/planeamento das necessidades e rotinas da criança, mas que não implicam necessariamente interação com ela (ex: “Quem costuma ir às reuniões da escola do seu filho?”); 3 – Ensino/Disciplina (5 itens) – Relacionado com o ensino de competências e com o estabelecimento e cumprimento de regras (ex. “Quem estabelece as regras em casa?”); 4 – Brincadeira (5 itens) – Diferentes atividades de brincadeira mais tranquilas mediadas por objetivos e outras mais físicas (ex: “Quem lê histórias ao seu filho?”); 5 – Lazer no exterior (4 itens) – Atividades realizadas com a criança fora de casa (ex: “Quem leva o seu filho ao parque infantil?”)

As respostas dos pais são dadas de acordo com uma escala de *Likert* de cinco pontos, em que 1 – sempre a mãe, 2 – mais frequentemente a mãe, 3- tanto a mãe como o pai, 4 – mais frequentemente o pai e 5 – sempre o pai. Portanto, o envolvimento é avaliado segundo a forma como as atividades são divididas ou partilhadas em relação à outra figura parental.

2.3 Role Investments Penny-Sort Task (McBride & Rane, 1997)

A versão original deste instrumento é uma entrevista desenvolvida para avaliar a forma como os sujeitos percebem os seus próprios investimentos em cinco papéis específicos de adulto (papel de pai, papel de marido, papel profissional, papel social e outro papel). Durante esta entrevista os sujeitos são convidados a refletir sobre as suas experiências como adultos e depois devem distribuir 15 moedas pelas cinco categorias com base na sua perceção sobre o seu investimento em cada função. Antes dos sujeitos distribuírem as moedas, o entrevistador deve clarificar que o investimento em cada função é definido como um investimento psicológico e emocional nos papéis, em comparação com o tempo real despendido em cada função.

No entanto, para o presente estudo, este instrumento foi adaptado para um inquérito escrito, de forma a poder ser respondido pelos pais de forma individual e sem a presença do investigador. Para tal, foi realizado um documento escrito que clarifica que o participante tem 15 moedas e que as deve distribuir pelos cinco papéis, imediatamente abaixo descritos (papel de pai, de marido, profissional, social e outro), conforme a sua perceção do quanto investe em cada função. Foi, ainda, clarificada a questão de o pedido se referir a investimentos psicológicos e emocionais nos papéis em oposição ao tempo real gasto em cada papel e que o papel social se refere a relações com amigos próximos e/ou filiação pessoais em organizações sociais ou de base comunitária. Foi pedido, por fim, que especificassem qual é o papel a que se referem quando selecionam a opção “outro papel”

Para perceber a opinião da mãe quanto ao mesmo assunto, foi-lhes pedido que fizessem a mesma tarefa, mas com referência à sua perceção sobre o investimento em cada papel do pai do seu filho.

3. Procedimento

As amostras foram recolhidas num jardim-de-infância pertencente á Santa Casa da Misericórdia do Cadaval e em outros três jardins-de-infância pertencentes ao Agrupamento de Escolas do Cadaval, do distrito de Lisboa. De referir que, apesar de situados no distrito de Lisboa, os estabelecimentos nos quais foi recolhida a amostra, encontram-se num meio, ainda, pouco urbanizado e, como tal, alguns dados poderão ter sido influenciados pelo contexto de onde provêm (tais como, habilitações literárias baixas, profissões mais ligadas ao meio rural, crenças parentais pouco evoluídas)

Para a recolha da amostra contactou-se, então, a direção dos jardins-de-infância com o intuito de solicitar a colaboração de ambos nesta investigação. Neste sentido, foi realizada uma reunião com a educadora-coordenadora do Jardim da SCM e outra com a coordenadora do Agrupamento de Escolas do Cadaval, com a finalidade de esclarecer e explicar os objetivos do estudo, de que forma se pretendia recolher a amostra e a apresentação dos questionários a utilizar na investigação.

Quando recebidas as autorizações necessárias por parte dos infantários, os questionários foram entregues às educadoras de infância, ficando estas encarregues por entregá-los às mães e pais das crianças que frequentavam as salas das idades pretendidas para o estudo.

Após recolhidos todos os inquéritos, foram confirmados os que estavam respondidos por ambos os pais e aos dois instrumentos e eliminados os que não correspondiam a estes critérios. Dos 119 questionários recebidos, 105 foram utilizados e inseridos os dados correspondentes na base de dados, para posterior análise e exploração.

3.1 Procedimentos de Tratamento

Após a fase da recolha dos dados, prosseguiu-se para ao seu tratamento. Inicialmente, todos os dados recolhidos através de ambos os instrumentos foram inseridos nas bases de dados do software IBM – SPSS Statistics, v22, sendo este também o software utilizado ao longo de todo o tratamento estatístico. Posteriormente, foram analisadas e descritas, quanto à média, desvio-

padrão e percentagens, as duas escalas utilizadas; foi, depois, analisado o grau de fiabilidade da escala de envolvimento parental; avaliou-se, ainda, a concordância entre a mãe e o pai nas respostas dadas a ambas as escalas e, por fim, analisou-se a variância de médias entre as duas variáveis em estudo.

III. RESULTADOS

1. Envolvimento Parental

Primeiramente, é necessário analisar a estatística descritiva das cinco dimensões da Escala de Envolvimento Parental, bem como a fiabilidade das respostas dadas às cinco dimensões, pela mãe e pelo pai. Deste modo, conclui-se que os *Alphas de Cronbach* apresentam boa fiabilidade em todas as dimensões.

Tabela 1. Média, desvios-padrão e Alpha de Cronbach das respostas do pai e da mãe quanto ao envolvimento parental

Dimensões	Média	Desvio-Padrão	Alpha de Cronbach
Cuidados Diretos_Pai	2.35	.63	0,78
Cuidados Indiretos_Pai	2.23	.52	0,76
Ensino/Disciplina_Pai	2.74	.57	0,84
Brincadeira_Pai	2.87	.55	0,81
Lazer Exterior_Pai	2.62	.62	0,79
Cuidados Diretos_Mãe	2.26	.63	0,80
Cuidados Indiretos_Mãe	2.15	.55	0,81
Ensino/Disciplina_Mãe	2.60	.57	0,87
Brincadeira_Mãe	2.79	.56	0,83
Lazer Exterior_Mãe	2.59	.63	0,78

Posteriormente, é necessário perceber o grau de concordância entre as respostas das mães e as respostas dos pais. Para tal, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson e verificou-se que em todas as dimensões existem correlações estatisticamente significativas e positivas entre as respostas de ambos os pais, demonstrando assim que existe concordância entre as suas opiniões e consequentes respostas. As correlações de cada dimensão foram as seguintes: Cuidados Diretos ($r = .85$, $p < .01$), Cuidados Indiretos ($r = .82$, $p < .01$), Ensino/Disciplina ($r = .78$, $p < .01$), Brincadeira ($r = .81$, $p < .01$) e Lazer Exterior ($r = .85$, $p < .01$).

Correlacionando, ainda, as idades e habilitações literárias de ambos os pais com o envolvimento parental, podemos concluir que existe, para um nível de significância de 0.01, uma relação estatisticamente significativa e positiva entre as habilitações literárias da mãe e os cuidados diretos prestados pelo pai. Existem ainda relações estatisticamente significativas e positivas, para um nível de significância de 0,05, entre a idade do pai e os cuidados indiretos prestados pela mãe;

entre as habilitações literárias da mãe e as atividades de lazer/no exterior com o pai, os cuidados diretos prestados pela mãe, as atividades de ensino/disciplina com a mãe e as atividades de lazer/no exterior com a mãe; e entre as habilitações literárias do pai e as atividades de ensino/disciplina com ambos os pais.

Tabela 2. Correlação entre as dimensões do envolvimento parental com a idade e as habilitações literárias dos pais.

Dimensões	Idade Mãe	Idade Pai	Hab.Lit. Mãe	Hab. Lit. Pai
Cuidados Diretos_Pai	-.08	-.13	.26**	.18
Cuidados Indiretos_Pai	-.12	-.17	.11	.14
Ensino/Disciplina_Pai	-.12	-.17	.17	.22*
Brincadeira_Pai	-.01	-.05	.15	.07
Lazer Exterior_Pai	-.10	-.11	.20*	.14
Cuidados Diretos_Mãe	-.13	-.17	.23*	.17
Cuidados Indiretos_Mãe	-.17	-.20*	.06	.16
Ensino/Disciplina_Mãe	-.06	-.07	.19*	.19*
Brincadeira_Mãe	-.09	-.09	.13	.06
Lazer Exterior_Mãe	-.17	-.16	.19*	.10

**p<0.1

*p<0.5

2. Investimento Paterno

Primeiramente, é necessário analisar a estatística descritiva da escala do Investimento Paterno. Uma vez que, ao contrário do instrumento anteriormente analisado, este não apresenta variáveis contínuas nem com ordem de grandeza, serão apresentadas unicamente as percentagens das respostas dadas.

Tabela 3. Percentagens das respostas do pai e da mãe quanto ao investimento paterno

Dimensões	Investimento_Pai	Investimento_Mãe
Papel de Pai	27%	34%
Papel de Marido	1%	4%
Papel Profissional	21%	21%
Empate_2	22%	21%
Empate_3	29%	19%
Todos empatados	0%	1%
Total	100%	100%

Posteriormente, é necessário perceber o grau de concordância entre as respostas das mães e as respostas dos pais. Uma vez que, tal como acima mencionado, este instrumento não apresenta variáveis contínuas nem com ordem de grandeza, será feita a comparação do acordo entre os pais, através do teste Qui-Quadrado e da correspondente tabela de frequências.

Inicialmente, não foi possível usar o valor deste teste, uma vez que, os resultados originaram vários tipos de empates e alguns deles apresentam poucos ou nenhuns casos, sendo necessário reduzir os vários tipos de empates a uma só categoria. Desta forma, tanto os participantes que, ao distribuir as suas moedas, empataram em dois papéis diferentes (mesmo valor atribuído ao papel de pai e ao papel de marido e mesmo valor atribuído ao papel de pai e ao papel profissional), como os que empataram em três papéis (mesmo valor no papel de pai, marido e profissão; ou mesmo valor no papel de pai, marido e social; e mesmo valor ao papel de pai, profissional e social), vão ser contemplados numa única categoria de empates. Ou seja, os 22% de respostas atribuídas ao empate a dois papéis e os 29% de respostas atribuídas ao empate a três papéis, serão definidos numa única só categoria.

Tabela 4. Frequências das respostas do pai e da mãe quanto ao investimento paterno

		Investimento_Mãe				Total
		Pai	Marido	Profissão	Empates	
Investimento Pai	Pai	22	3	1	2	28
	Marido	0	1	0	0	1
	Profissão	3	0	17	2	22
	Empates	11	0	4	38	53
	Total	36	4	22	42	104

No que diz respeito ao valor do teste Qui-Quadrado, este não foi possível obter, uma vez que, apesar da transformação dos empates numa só categoria, continuam a existir casos que obtiveram menos de 5 escolhas. Desta forma, o Qui-Quadrado não pode ser utilizado, pois o número de frequências de algumas categorias não o permite, o que impede a conclusão sobre o nível de concordância entre as respostas da mãe e as respostas do pai.

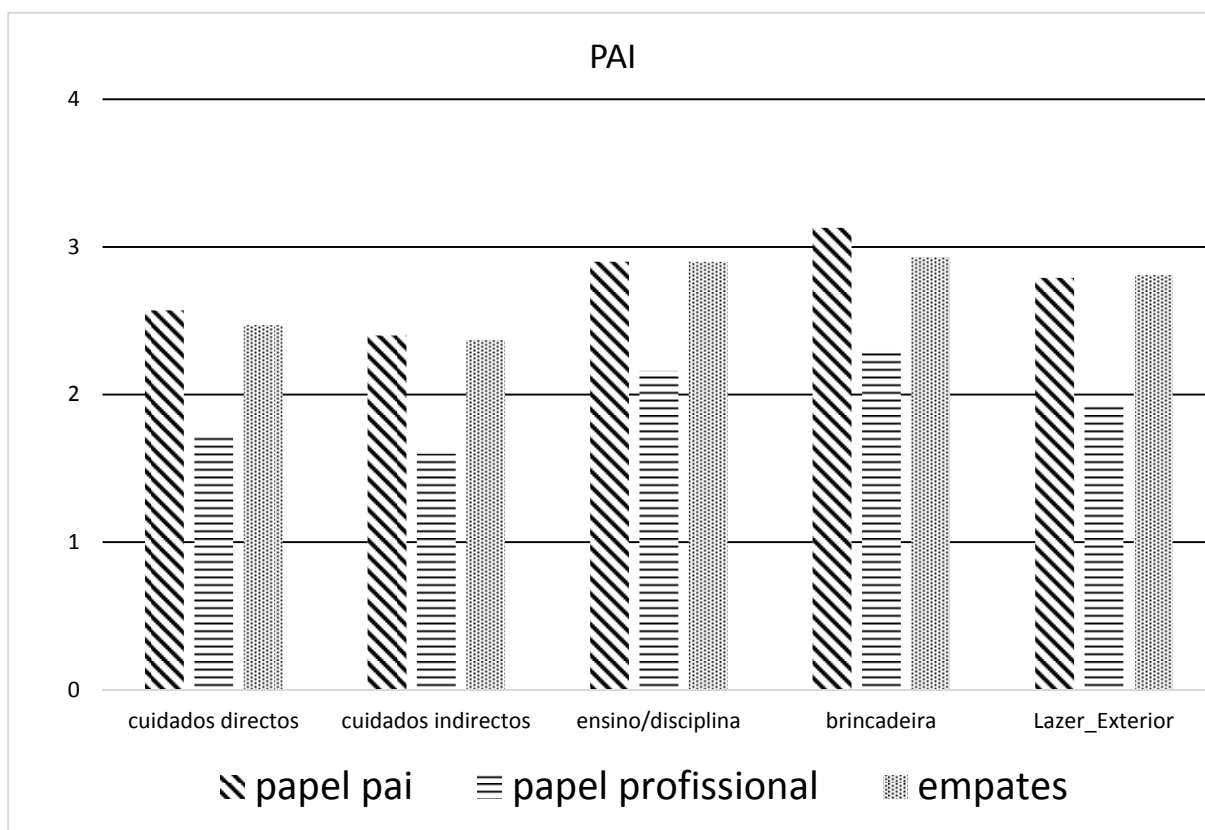
Ainda assim, procedendo a uma análise de carácter qualitativo, pode-se referir que as respostas de ambos os pais apresentam algum grau de concordância, uma vez que tanto a mãe como o pai escolherem mais do que um papel na maioria dos casos, ou seja, os empates e em seguida, optaram mais pelo papel de pai. No mesmo sentido, ambos os pais escolheram menos a opção “papel de marido”. No entanto, pode-se destacar que os pais demonstram uma maior discrepância de escolhas entre os papéis empatados (53 escolhas) e o “papel de pai” (28 escolhas), do que as mães (42 escolhas = empates; 36 escolhas = pai).

3. Relação entre o Envolvimento Paterno e um maior Investimento no papel de pai

Finalmente, para responder à questão de investigação do estudo, é necessário perceber se existe uma relação entre o envolvimento paterno e o seu maior investimento no papel de pai, do que no papel profissional. Para tal, utilizou-se a Análise de Variâncias – ANOVA e

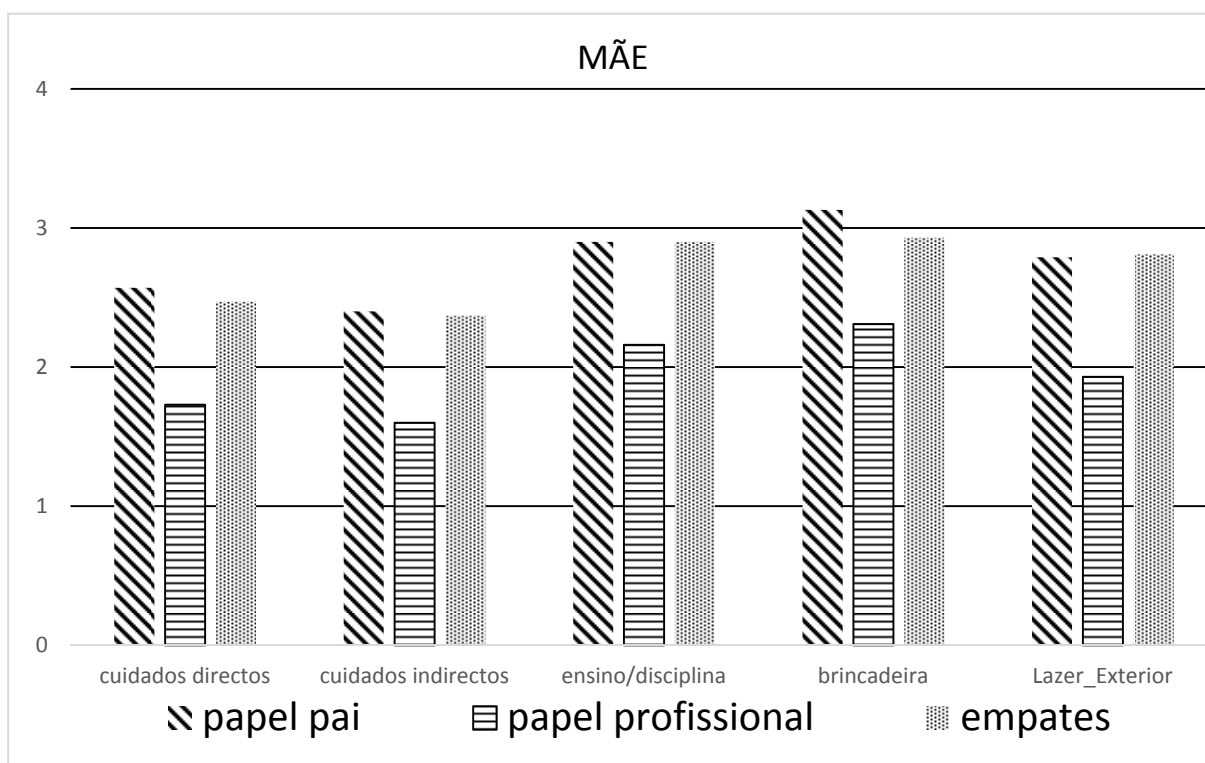
posteriormente o teste de Post Hoc – comparações múltiplas, pelo facto de serem três grupos em comparação.

Gráfico 1. Comparação entre as médias da Escala de Envolvimento e de Investimento, na perspetiva do pai



Através da análise do gráfico, conclui-se que, em todas as dimensões da escala de envolvimento paterno, existem diferenças estatisticamente significativas entre o investimento nos diferentes papéis de adulto: cuidados directos ($F(2,97) = 19,30; p = .00$); cuidados indirectos ($F(2,97) = 23,88; p = .00$); ensino/disciplina ($F(2,97) = 14,81; p = .00$); brincadeira ($F(2,97) = 21,48; p = .00$); lazer no exterior ($F(2,97) = 20,51; p = .00$).

Gráfico 2. Comparação entre as médias da Escala de Envolvimento e de Investimento, na perspectiva da mãe



Segundo a perspectiva da mãe, conclui-se que, em todas as dimensões da escala de envolvimento paterno, existem diferenças significativas entre o investimento nos diferentes papéis de adulto: cuidados diretos ($F(2,97) = 18,17; p = .00$); cuidados indiretos ($F(2,97) = 32,14; p = .00$); ensino/disciplina ($F(2,97) = 19,57; p = .00$); brincadeira ($F(2,97) = 22,16; p = .00$); lazer no exterior ($F(2,97) = 26,15; p = .00$).

Após concluído que, em todas as dimensões da escala de envolvimento paterno, existem diferenças estatisticamente significativas entre o investimento nos diferentes papéis de adulto, é necessário fazer o teste Post-Hoc – comparações múltiplas, para perceber entre quais grupos se encontram as diferenças significativas.

Através da análise do gráfico, é possível perceber que, na opinião dos pais, existem diferenças estatisticamente significativas entre o papel de pai e o papel profissional, quanto ao nível de envolvimento com os filhos: cuidados diretos ($p = .00$); cuidados indiretos ($p = .00$); ensino/disciplina ($p = .00$); brincadeira ($p = .00$); lazer no exterior ($p = .00$). Isto é, os pais que investem mais no papel profissional apresentam valores mais baixos de envolvimento: cuidados diretos ($M = 1,71; D = .61$); cuidados indiretos ($M = 1,66; D = .52$); ensino/disciplina ($M = 2,21; D = .89$); brincadeira ($M = 2,31; D = .82$); lazer no exterior ($M = 1,99; D = .69$).

Por outro lado, os pais que mais investem no papel de pai são os que estão mais envolvidos com os seus filhos: cuidados diretos (M = 2,56; D= .52); cuidados indiretos (M= 2,46; D= .45); ensino/disciplina (M = 2,86; D = .49); brincadeira (M = 3,14; D= .28); lazer no exterior (M = 2,73; D= .50).

Segundo a perspectiva da mãe, verificam-se igualmente diferenças estatisticamente significativas entre o papel de pai e o papel profissional, quanto ao nível de envolvimento com os filhos: cuidados diretos (p = .00); cuidados indiretos (p =.00); ensino/disciplina (p = .00); brincadeira (p = .00); lazer no exterior (p =.00). Ou seja, os pais que investem mais no papel profissional apresentam valores mais baixos de envolvimento: cuidados diretos (M = 1,73; D= .62); cuidados indiretos (M= 1,60; D= .46); ensino/disciplina (M = 2,16; D = .85); brincadeira (M = 2,31; D= .82); lazer no exterior (M = 1,93; D= .67).

Por outro lado, os pais que mais investem no papel de pai são os que estão mais envolvidos com os seus filhos: cuidados diretos (M = 2,57; D= .52); cuidados indiretos (M= 2,4; D= .42); ensino/disciplina (M = 2,90; D = .40); brincadeira (M = 3,13; D= .29); lazer no exterior (M = 2,79; D= .46).

Como tal, é possível concluir que, tanto na opinião das mães como na opinião dos pais, os pais que investem mais no papel profissional são os que apresentam menos envolvimento com os filhos e os pais que mais investem no papel de pai, estão mais envolvidos com os filhos.

IV. DISCUSSÃO

Apesar de se irem verificando mudanças na partilha e divisão da prestação de cuidados parentais, ainda se verifica, através dos resultados obtidos neste estudo, que é a mãe a que mais se responsabiliza pelo acompanhamento das crianças, sendo esta a maior prestadora de cuidados aos filhos. Como tal, a preocupação de Balancho, em 2004, em perceber se existe de facto um novo conceito de pai, ou se se trata simplesmente de uma esperança do mundo ocidental e desenvolvido, verifica-se como pertinente. Se por um lado, os progressos e avanços da sociedade têm levado a uma divisão mais igualitária do envolvimento entre os pais e os filhos, também esses progressos podem contribuir para um afastamento e exclusão dos homens do papel de pai, devido ao aumento, por exemplo, dos divórcios e das “gravidezes sem pai”, quer sejam por recurso à medicina ou as inerentes aos casos das mães solteiras. Como tal e, fundamentado com os resultados obtidos no presente estudo, mantém-se, de facto, a ideia de que, ainda que tenham acontecido algumas mudanças discretas no papel do pai, ao longo dos últimos anos, quando comparado com a mãe, este continua a ter um papel secundário no envolvimento e na socialização das suas crianças, nas tarefas diárias (Balancho, 2004).

Segundo Lewis e Dessen (1999 citado por Crepaldi, M., Andreani, G., Hammes, P., Ristof, C., & Abreu, S., 2006), apesar de, nas sociedades contemporâneas ocidentais, as exigências em relação à participação do pai no contexto familiar tenham vindo a sofrer alterações, a ideia de que os homens são menos capazes de cuidar dos filhos acaba, em muitos casos, por excluí-los das tarefas de prestação de cuidados às crianças. Apesar de ter sido mencionada há alguns anos, esta afirmação parece continuar verdadeira, pois apesar de existir já muita literatura que envolve o pai nas tarefas familiares e que lhe atribui um papel semelhante ao da mãe, parece continuar a existir um paradoxo entre as exigências feitas pela sociedade e as reais possibilidades oferecidas a estes pais. Isto porque, além dos factos acima mencionados que contribuem para uma exclusão do pai do seu papel familiar, também outros obstáculos se continuam a verificar, tais como a ideia de que deverá ser a mãe a ficar em casa quando a criança está doente, a ideia de que deverá ser a mãe a escolher e a comprar a roupa do seu filho, entre outras crenças que, através dos resultados obtidos na presente investigação, ainda se concluem como muito presentes.

É de destacar, por outro lado, que existem estudos que defendem que o papel do pai está realmente mais semelhante ao da mãe e que existe, de facto, a partilha das tarefas e responsabilidades parentais. Como exemplo, o estudo de Ribeiro (2014), tal como alguns outros referidos inicialmente, concluiu que atualmente existe não só um pai mais envolvido e próximo dos seus filhos, como também uma parentalidade maioritariamente partilhada por ambos os pais.

Segundo estas conclusões, o pai atual é, de facto, definido como alguém que exerce a sua autoridade necessária, nomeadamente, através do uso da disciplina e do ensino, mas também é uma figura mais próxima, na qual as brincadeiras e actividades de lazer fazem parte do seu papel.

No entanto, e uma vez que, o mesmo não foi verificado no presente estudo, pode-se concluir que ainda existe controvérsia e dúvidas no que se refere à nova e moderna perspetiva do papel de pai, pelo que deve continuar a ser uma área de estudo e investigação.

O facto de os resultados do presente estudo contrariarem as conclusões de algumas outras investigações, pode-se explicar, também, pelo facto de a amostra ter sido recolhida numa zona pouco urbanizada, e como tal ainda estarem presentes alguns ideais e crenças antigas. Desta forma, alerta-se para o facto de, futuramente, ser uma condição a controlar e a comparar, com a finalidade de concluir se estes resultados contrários à recente investigação, se devem realmente ao contexto em que as famílias participantes habitam.

Ao nível do grau de concordância entre as respostas da mãe e do pai, alguns estudos indicam que quando os pais são solicitados a descrever as suas crianças através de inquéritos/questionários, originam uma concordância de respostas de nível baixo a moderado (Duhig e cols., 2000; Achenbach, 2006, citado por Borsa, J., & Nunes, M., 2008). Estas conclusões sugerem que mesmo que pais e mães convivam com a mesma criança, no mesmo ambiente, a qualidade da relação parental e a quantidade de tempo que cada um dedica aos filhos(as) são diferentes, o que influenciará as suas opiniões e consequentes descrições sobre os seus filhos.

Segundo Achenbach (1992, citado por Borsa, J., & Nunes, M., 2008), as diferenças na percepção de pais e mães podem ocorrer, também, porque as diferentes situações e graus de interação parental são percebidos de uma forma diferente e pessoal conforme cada pai, segundo o seu grau de insight. Desta forma, as suas respostas serão diferentes quando são solicitados a fornecer informações sobre os filhos(as). Ou seja, as interações vivenciadas por pais e filhos(as) e mães e filhos(as) são únicas, o que também poderá influenciar as respostas e opiniões de cada um dos respondentes, quando fornecem informações adicionais, para além dos dados que ambos estão em acordo.

No entanto, destaca-se que, no presente estudo, os resultados obtidos sobre a escala de envolvimento parental, indicam que a mãe e o pai estão de acordo quando às respostas dadas, o que se poderá explicar pelo facto de serem perguntas referentes a tarefas e actividades concretas que os pais fazem, ou não, com a criança e assim, ao contrário de outros instrumentos que geram desacordo entre os pais, este permite que ambos tenham a mesma percepção do que cada um, realmente, faz com o filho.

No que diz respeito às relações encontradas entre o envolvimento parental e a idade e habilitações literárias, conclui-se que quanto mais habilitações literárias tiver a mãe, mais envolvido e mais cuidados prestados pelo pai, o que se pode explicar pelo facto de, como mencionado inicialmente, as mulheres com habilitações literárias superiores, necessitarem de um maior investimento nas suas carreiras profissionais, o que as leva a facilitar e a ambicionar uma participação paterna mais ativa ao nível da organização e prestação de cuidados (Monteiro et al., 2006 citado por Veríssimo, Pimenta, Borges, Pessoa e Costa, Monteiro, Torres, & Martins, s.d).

As restantes correlações encontradas também são corroboradas pelo estudo de Pimenta, Veríssimo, Monteiro, & Pessoa e Costa, 2010, no qual é referido que às habilitações literárias superiores poderão associar-se mais frequentemente a profissões mais liberais, que consequentemente permitem uma maior flexibilidade de horários, o que poderá contribuir para uma mais fácil conciliação entre o trabalho e as actividades familiares. No mesmo estudo, concluiu-se que os pais com habilitações superiores envolvem-se mais nas actividades de brincadeira, o que se pode dever ao facto destes as percepcionarem como um meio, não só de interacção, mas também de estimulação às aprendizagens cognitivas e sociais dos filhos (Monteiro et al., 2006). Estes pais também poderão ter crenças menos rígidas acerca dos papéis de géneros, o que os leva a não perceberem a prestação de cuidados aos filhos como pouco masculinas, mas, pelo contrário, sendo mais abertos e flexíveis face a novas experiências (Levy-Shiff & Israelashvilli, 1988, citado por Pessoa e Costa, Borges, Monteiro, Torres, & Veríssimo, s.d).

No que diz respeito à questão de investigação do presente estudo, conclui-se que, de facto, os pais que investem mais no seu papel de pai, do que no papel profissional, demonstram estar mais envolvidos nos cuidados diários prestados aos filhos. Verificou-se também que a escolha de mais do que um papel (empates) também está associada a um maior envolvimento por parte do pai, talvez pelo facto de, nesse investimento empatado, o papel de pai estar sempre incluído, o que corrobora a ideia de que os pais que investem no papel de pai, mesmo investindo noutro papel, estão mais envolvidos com os seus filhos.

Esta ideia de relação entre investimento e envolvimento pode ser explicada pelo facto de, tal como referido no enquadramento inicial deste estudo, o envolvimento dos homens com os seus filhos ser caracterizado, entre outros factores, pela disponibilidade de tempo que

demonstram ter para estar em família (Blood & Wolfe, 1960 citado por Bailey, 1994). Logo, se um homem considera que deve investir mais tempo e mais recursos na relação e prestação de cuidados ao filho, é perceptível que esteja mais envolvido e participe em mais cuidados e tarefas familiares.

Por outro lado, Arendell (1996) já considerava que as características psicológicas do pai, como por exemplo, a motivação ou as suas crenças, condicionavam o envolvimento parental, o que mais uma vez, explica que um homem que esteja mais motivado para investir no papel de pai e que acredite que deve precisamente dedicar-se mais a essa função, do que á sua função profissional, estará mais envolvido na relação parental.

No mesmo sentido, Lamb em 2010, também defendeu que o envolvimento parental pode ser afetado por vários fatores psicológicos, como a motivação, as habilidades e a autoconfiança, o que permite, novamente, concluir que os homens que estão mais motivados e se sentem mais confiantes e, desta forma, investem mais na relação com os seus filhos, são os que demonstraram maior envolvimento nas atividades diárias das crianças.

Uma outra forma de influência do envolvimento parental, mencionada por Arendell (1996) é o tipo de relação que os homens vivenciaram com os seus próprios pais, sendo que quando a criança vivencia uma paternidade positiva, adquire uma imagem do papel de pai também positiva, que irá futuramente servir de modelo quando ela própria se tornar pai. Ou seja, um pai que vivenciou uma relação positiva com o seu próprio pai, ficará com a ideia de que é importante investir e dedicar-se ao seu próprio filho, sendo esta a tarefa sobre a qual se deve mais dedicar, para poder também ele ter uma relação positiva com a criança. Desta forma, sustenta-se, mais uma vez que, um homem que considera importante investir mais no seu papel de pai, estará mais envolvido com o seu filho e terá com ele uma relação mais positiva.

Podemos, ainda, explicar o facto de um maior investimento no papel de pai estar relacionado com um melhor envolvimento com o filho, através da opinião de Mondell & Tyler (1981 citado por Belsky 1984) que defende que o envolvimento parental está relacionado com a personalidade dos pais e dos filhos, pois níveis elevados de controlo interno, confiança interpessoal e um estilo ativo de resolução de problemas por parte dos pais, origina elevados níveis de carinho e aceitação demonstrados aos filhos. Desta forma, um pai que acredita ser importante investir na relação com o seu filho, dedicará mais tempo ao mesmo, o que provavelmente lhe trará níveis de controlo interno e confiança interpessoal elevados.

Consequentemente, este pai sentir-se-á mais apto e útil na prestação de cuidados diários e, assim, será mais presente e envolvido nas rotinas do filho.

Por fim, uma outra teoria apresentada no enquadramento inicial que pode sustentar os resultados obtidos no presente estudo, é a TRA (theory of reasoned action) que propõe que o comportamento humano é influenciado pela intenção e que há três determinantes da intenção: atitudes, normas subjetivas e percepção de controlo comportamental (Ajzen, 1986, citado por Perry & Langley, 2013). Desta forma, percebe-se que um homem que tem a intenção de participar mais ativamente na vida do filho, irá ter atitudes que vão, precisamente, no sentido de estar presente, o que poderá ser definido como um investimento na relação com a criança. Logo, este pai que investe na sua função de pai, por ter a intenção de o fazer, é um pai que estará mais envolvido e participativo na prestação de cuidados ao filho.

Para futuros estudos referentes à relação entre o investimento paterno e o envolvimento parental, sugere-se que seja tido em conta também o papel de marido, com o objectivo de perceber se os pais que também investem no papel de marido, segundo a perspectiva das mães, são também mais envolvidos com os filhos, pois o papel de marido pode servir de apoio e ser também uma forma de ajudar e estar presente nas tarefas de prestação de cuidados ao filho. Isto porque um fator importante relativo à participação do pai diz respeito ao suporte que este fornece à mãe nos cuidados e educação dos filhos. Dessen e Braz (2000, citado por Crepaldi, M., Andreani, G., Hammes, P., Ristof, C., & Abreu, S., 2006) constataram que as mulheres consideram o apoio do marido ou companheiro como o principal, de entre todos os apoios recebidos, seguido do apoio das suas próprias mães. O apoio dos amigos e de outros membros familiares, como sogro e sogra, é considerado como menos importante. Numa pesquisa sobre o apoio que as mães recebem dos seus respectivos companheiros, Feiring e Lewis (1978, citado por Crepaldi, M., Andreani, G., Hammes, P., Ristof, C., & Abreu, S., 2006) concluíram que este apoio é uma das principais formas de contribuição para o desenvolvimento dos filhos, pois incrementa a afetividade e interesse da mãe para com as suas crianças.

No mesmo sentido, Arendell (1996) salientou o conceito de co-parentalidade que diz respeito à parentalidade partilhada pela mãe e pelo pai, ou pode referir-se apenas à presença do pai na vida da criança, independentemente do seu desempenho como pai. Logo, esta presença na vida da criança pode também dizer respeito ao apoio prestado à mãe, o que torna, novamente, pertinente a sugestão mencionada.

Uma outra sugestão futura, diz respeito ao facto de, para estudos referentes à análise do investimento paterno, com o questionário RIPST, propõe-se que o instrumento seja adaptado, de forma a impedir a possibilidade de ocorrerem tantos empates, aquando da escolha dos papéis em que os participantes mais investem. Ou seja, alterando o número de moedas disponibilizadas ou especificando, na instrução, que não poderão atribuir o mesmo valor monetário a mais do que um determinado número de papéis, permitir-se-á que os resultados recaiam, em maior quantidade, num só papel específico e não em mais do que um papel, o que facilitará a análise e conclusão dos resultados.

Finalmente, é importante referir que o estudo realizado demonstra que, apesar de nos estarmos a aproximar cada vez mais de um ideal de partilha das responsabilidades e cuidados parentais mais igualitário e equilibrado, ainda se verifica, com alguma frequência, que é a mãe a figura que mais se destaca na prestação de cuidados e na gestão de responsabilidades referentes aos filhos. Por outro lado, percebe-se, através dos resultados deste estudo que, é importante que os adultos, neste caso os homens, estejam mentalmente disponíveis e empenhados em ser pais, pois as suas crenças e ideias do que é ser, realmente, pai, influencia a relação que estabelecem com as crianças. Como tal, na prática, será importante perceber o grau de importância atribuída ao papel de pai e o quão disponível o homem está para investir e dedicar-se aos seus filhos, para se perceber o tipo de relações que se estabelece com eles e as consequências que dessa relação advém para o desenvolvimento e personalidade das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ainsworth, M., D., S. (2000). Attachments – infant-mother attachment in M. Ainsworth (Ed.) *Childhood social development – the essential readings*, (13-24). Malden: Blackwell.
- Allen, S., & Daly, K. (2007). The effects of father involvement: an updated research summary of the evidence inventory. *Father Involvement Research Alliance*, University of Guelph.
- Arendell, T. (1996). *Co-parenting: A review of the literature*. National Center on fathers and families, 1-5. Retirado (2014) de, <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/content/co-parenting-review-literature>.
- Bailey, W.T. (1994). A longitudinal study of father's involvement with young children: Infancy to age 5 years old. *Journal of Genetic Psychology*, 155, 331-339.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 2 (XXII), 377-386.
- Bandeira, T., & Seidl-de-Moura, M. (2012). Crenças de Pais e Mães Sobre Investimento Parental. *Paidéia*, 22 (53), 355-363.
- Belsky, J. (1984). The determinantes of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Borsa, J., & Nunes, M. (2008). Concordância parental sobre problemas de comportamento infantil através do CBCL. *Paidéia*, 18 (40), 317-330.
- Bowlby, J. (1982). Attachment Behaviour in J. Bowlby (Ed.) *Attachment and loss: loss*, (177-257). Middlessex: Penguin Books.
- Bowlby, J. (1982). Ontogeny of human attachment in J. Bowlby (Ed.) *Attachment and loss: loss*, (265-350). Middlessex: Penguin Books.
- Bronte-Tinkew, J., Carrano, J., & Guzman, L. (2006). Resident fathers' perceptions of their roles and links to involvement with infants. *Fathering*, 4 (3), 254-285.

- Brown, G., Neff, C., & Mangelsdorf, S. (2012). Father Involvement, Paternal Sensitivity, and Father-Child Attachment Security in the First 3 Years. *Journal of Family Psychology*, 26 (3), 421- 430.
- Cabrera, N.J., Tamis-Lemonda, C.S., Bradley, R.H., Hofferth, S., & Lamb, M.E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71 (1), 127-136.
- Connor, J. S. (1977). Behaviorally based masculine and feminine activity-preferences scales for preschoolers: correlates with other classroom behaviors and cognitive tests. *Child Development*, 48, 1411-1416.
- Crepaldi, M., Andreani, G., Hammes, P., Ristof, C., & Abreu, S. (2006). A participação do pai nos cuidados da criança, segundo a concepção de mães. *Psicologia em Estudo*, 11 (3), 579-587.
- Deusch, F. (2001). Equally shared parenting. *Current Directions in Psychological Science*, 10 (1), 25-28.
- Ferreira, B., Monteiro, L., Fernandes, C., Cardoso, J., Veríssimo, M., & Santos, A. (2014). Percepção de Competência Parental: Exploração de domínio geral de competência e domínios específicos de auto-eficácia, numa amostra de pais e mães portuguesas. *Análise Psicológica*, 2 (XXXII): 145-156.
- Lamb, M. E. (1992). Papel do pai em mudança. *Análise Psicológica*, 10 (nº1), 19-34.
- Lamb, M. E. (2010). How do fathers influence children's development? Let me count the ways in M. E. Lamb (Ed.) *The role of father in child development* (pp. 1-26). Hoboken, N.S: John Wiley and Sons.
- Lamb, M.E. (1987). Introduction: The emergent American father. In M. E. Lamb (Ed.) *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-26). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (2003). Fathers' influences on children's development: the evidence from two-parent families. *European Journal of Psychology of Education*, 2 (XVIII), 211-228.
- McBride, B., Brown, G., Bost, K., Shin, N., Vaughn, B., & Kort, B. (2005). Paternal identity, maternal gatekeeping and father involvement. *Family Relations*, 54, 360-372.

- Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I., Torres, N., & Vaughn, B. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Interamerican Journal of Psychology*, 44 (1), 120-130.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A., & Vaughn, B. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 395-409.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A., & Bost, K. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of portuguese families. *Attachment & Human Development*, 10 (2), 189-206.
- Perry, A., & Langley, C. (2013). Even with the Best of Intentions: Paternal involvement and the theory of planned behavior. *Family Process*, 52, 179-192.
- Pessoa e Costa, I., Borges, P., Monteiro, L., Torres, N., & Veríssimo, M. (s.d). Envolvimento paterno: comparação entre o real e o ideal. Poster apresentado no 1.º Congresso Internacional de Parentalidade do IPNP.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Costa, I. (2010). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4 (XXVIII), 565-580.
- Pleck, J.H., & Masciadrelli, B.P. (2010). Paternal Involvement by U.S. residential fathers. Levels, sources and consequences. In M. E. Lamb (Ed.) *The role of the Father in Child Development* (pp. 22-306). Hoboken. N.S: John Wiley and Sons.
- Ribeiro, M. (2014). *Envolvimento paterno: competência e eficácia*. Dissertação de Mestrado, ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Lisboa.
- Sarkadi, A., Kristiansson, R., Oberklaid, F., & Bremberg, S. (2008). Fathers' involvement and children's developmental outcomes: A systematic review of longitudinal studies. *Acta Paediatrica*, 97, 153–158.

- Serbin, L., Poulin-Dubois, D., Colburne, K., Sen, M., & Eichstedt, J. (2001). Gender stereotyping in infancy: visual preferences for and knowledge of gender-stereotyped toys in the second year. *International Journal of Behavioral Development*, 7-15.
- Silva, M., & Piccinini, C. (2007). Feelings concerning fatherhood and fathers' involvement: a qualitative study. *Estudos de Psicologia*, 24 (4), 561-573.
- Sternglanz, S., & Serbin, L. (1974). Sex role stereotyping in children's television programs. *Development Psychology*, 710-715.
- Torres, A. (2004). *Vida Conjugal e Trabalho. Uma perspectiva Sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Veríssimo, M., Pimenta, M., Borges, P., Pessoa e Costa, I., Monteiro, L., Torres, N., & Martins, C. (s.d.). Parental perceptions on the conflicts and benefits of combining work and family. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 13 (1), 1-8.
- Verschueren, K. & Marcoen, A. (1999). Representation of Self and Socioemotional Competence in Kindergartners: Differential and Combined Effects of Attachment to Mother and to Father. *Child Development*, 70 (1), 183-201.